



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MÁRLON JÓRDAN SANTOS DOS REIS

**NARRATIVAS APOCALÍPTICAS BIZANTINAS E
HERÁCLIO, “O NOVO ALEXANDRE”**

Brasília
2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MÁRLON JÓRDAN SANTOS DOS REIS

**NARRATIVAS APOCALÍPTICAS BIZANTINAS E
HERÁCLIO, “O NOVO ALEXANDRE”**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de licenciado e bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Vicente Dobroruka.

Brasília
2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MÁRLON JÓRDAN SANTOS DOS REIS

**NARRATIVAS APOCALÍPTICAS BIZANTINAS E
HERÁCLIO, “O NOVO ALEXANDRE”**

APROVADO POR:

Prof. Dr. Vicente Carlos Rodrigues Alvarez Dobroruka
Universidade de Brasília
Orientador

Prof. Dr. Raul Vitor Rodrigues Peixoto
Instituto Federal de Ensino de Goiás
Examinador

Prof. Dr. Isaías Lobão
Instituto Federal de Tocantins
Examinador

Prof. Celso Fonseca
Universidade de Brasília
Suplente

Defendia em 16/12/16

Dedicatória

*À Sílvia e Albino, sem eles não seria nada. À
Aline a qual o amor me renova. E aos meus
irmãos amigos Kelvin, Ryan e Danton.*

Agradecimentos

A construção e apresentação de uma monografia pra mim significa um fim de um ciclo importantíssimo na minha vida. Olhando para trás, contemplando os sacrifícios, as lutas e as vitórias, vejo inúmeras pessoas, íntimas ou não, que da sua forma me ajudaram e me incentivaram nesse processo. Pessoas, que talvez algumas em função do destino, nunca mais tornarei a ver.

Agradeço aos meus pais, que com seu amor e cuidado me puseram no caminho da educação e responsabilidade. A minha namorada Aline, que na maior parte das vezes me esperava com paciência, devido as minhas intermináveis ausências em função deste trabalho. Aos integrantes do MPS (*Middle Persian Studies*), aos meus colegas e amigos de universidade que tive o prazer de conhecer. E não menos importante meu orientador Vicente Dobroruka que confiou nas minhas capacidades de aspirante a historiador, e se hoje olho pra trás e vejo uma extrema evolução intelectual, ele tem uma grande responsabilidade nisso.

Resumo

Alexandre, o Grande é uma das figuras mais proeminentes da Antiguidade a ponto de se tornar personagem em diversas tradições apocalípticas muito posteriores. Três textos produzidos no início da Idade Média serviram-se de Alexandre para seu conteúdo escatológico: a *Lenda Siríaca de Alexandre*, do Pseudo-Calístenes, as *Homilias* de Jacó de Serugh e o *Apocalipse* do Pseudo-Metódio. Nessas três narrativas, Alexandre enfrenta os povos de Gog e Magog, que simbolizam o Mal em várias outras tradições escatológicas, e constrói uma muralha a fim de separá-los do mundo civilizado. Comparar essas três fontes, pontuando concordâncias e dissonâncias entre elas e fazer um aporte de compreensão da sociedade bizantina do séc.VII, sobretudo no reinado de Heráclio, é o objetivo desta monografia.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura apocalíptica, Historiografia antiga, Cristianismo Primitivo.

Abstract

Alexander, the Great is one of the most prominent figures of Antiquity about to become character in several apocalyptic traditions over time. Three texts produced in the Early Middle Ages resort to Alexander for their eschatological content: the *Syriac Alexander Legend*, by Pseudo-Callisthenes, the *Homilies* of Jacob of Serugh and the *Apocalypse* of Pseudo-Methodius. In these three narratives, Alexander faces the peoples of Gog and Magog, who symbolize Evil in several other eschatological traditions, and builds a wall in order to enclose them of civilized world. Compare these three texts, punctuating concordances and dissonances between them and thus making a contribution of understanding of Byzantine society of the Seventh Century, especially in the reing of Heraclius, is the aim of this monograph.

KEY WORDS: Apocalyptic Literature, Ancient Historiography, Primitive Christianity.

Lista de Abreviaturas e Siglas

PC: Pseudo-Calístenes (*Lenda Siríaca de Alexandre* do Pseudo-Calístenes)

PM: Pseudo-Metódio (*Apocalipse* do Pseudo-Metódio)

JSh: Jacó de Serugh (*Homilias* do Jacó de Serugh)

RA: Romance de Alexandre

Sumário

Introdução	10
1. Conjuntura política; prólogo para o mito	13
2. Heráclio, o cenário dos mitos	17
2.1. As narrativas: Pseudo-Calístenes, Pseudo-Metódio e Jacó de Serugh	20
2.2. Gog e Magog	22
3. Heráclio e as narrativas: “O Novo Alexandre”	25
Conclusão	31
Referências Bibliográficas	33

Introdução

A sociedade bizantina do séc.VII viveu um dos momentos mais cruciais da história do Império. Após as grandes conquistas de Justiniano I no séc.VI, onde o Império Bizantino chegou ao seu apogeu territorial até então, lentamente os romanos (assim se autodenominavam os bizantinos) foram perdendo territórios nos séculos seguintes para seus vizinhos e invasores e, assim, foram se enfraquecendo politicamente.

É fato que devido a esse processo de declínio houve um reflexo profundo em várias instâncias da sociedade bizantina nos séculos posteriores a qual se encontrava em constantes crises. No entanto, o período que mostrou maiores turbulências, a ponto da população imaginar que o fim estava próximo, claramente foi o séc.VII¹. Nesse período está o reinado de Heráclio (610-641), figura importante para elaboração das reflexões deste trabalho, onde o governo daquele soberano herdou uma guerra de seu predecessor contra os Sassânidas, que falhara na tentativa de manter a paz com os persas anos antes. Ele também enfrentou constantes invasões de povos vindos dos Bálcãs e, ao final do seu reinado, as conquistas islâmicas que viriam mudar o cenário geopolítico para sempre.

Esta monografia fará uma análise desse recorte temporal do Império Bizantino com base em narrativas míticas que se tornaram bastante influentes no pensamento medieval cristão e que têm Alexandre, o Grande como personagem central de seus enredos. Esta reflexão será em relação ao contexto político do Império Bizantino do séc.VII, porém, enfatizando mais no reinado de Heráclio. Isto se deve ao fato de que as interpretações dos conteúdos de duas das narrativas utilizadas aqui serem relativas ao período de regência de Heráclio e suas vicissitudes. Estas duas narrativas são: *A Lenda Siríaca de Alexandre*, atribuída ao Pseudo-Calístenes e as *Homilias*, também chamadas de *Poema de Alexandre*, atribuído a Jacó de Serugh. Grande parte da contribuição da interpretação dessas duas narrativas serem atribuíveis ao período proposto é a data de composição de cada uma delas comumente aceitas, como se verá adiante no tomo 2.1 desta monografia, é relativo ao período de governo de Heráclio. A terceira narrativa usada não necessariamente reflete o espaço de tempo onde as outras duas se debruçam, e dessa forma, a interpretação desta está mais voltada ao período subsequente do de

¹ John Haldon. “The reign of Heraclius: a context for change” in: Gerrit J. Reinink / Bernard H. Stolte (eds.). *The Reign of Heraclius; Crisis and Confrontations*. Leuven / Paris / Dudley: Peeters, 2002. Pp.5-8.

Heráclio, no entanto, a narrativa tem mais paralelo do que divergência em relação a *Lenda* e as *Homilias*, pois sua datação é bem próxima das demais: segunda metade do séc.VII. Esta narrativa é o *Apocalipse* do Pseudo-Metódio.

Para construir uma reflexão historiográfica de uma conjuntura factual a partir de narrativas míticas é necessária muita cautela. A explicação do mito não poderá ser transfigurada de modo restrito como alegoria teórica, mas deve-se entendê-lo a partir de elementos especiais das experiências humanas, sentimentos e temores². Sendo assim, apesar de suas alegorias fictícias e fantásticas, o mito sendo analisado de forma mais profunda se apresentaria ancorado em elementos da realidade do mundo real³. Assim, construir um discurso historiográfico tendo o mito como ferramenta é afirmar que o homem histórico apreende o mundo a sua volta de acordo com suas experiências e significações e as transcende ao seu pensamento mítico.

No caso das narrativas míticas presentes nesse trabalho, elas se empregam de elementos litúrgicos, dogmáticos e políticos. É a explicação do mundo através de símbolos e signos da cultura cristã e da cultura ocidental greco-romana, tornando o discurso repleto de transposições de elementos reais para estas alegorias. Um bom exemplo disso é a construção de Gog e Magog como povos inimigos de feições monstruosas e costumes incivilizados⁴.

Estas narrativas também se empregam no mundo factual. As simbologias e profecias contidas nelas serviram para afirmar a predestinação da cristandade como o povo que guardaria o mundo contra o mal que está sempre à espreita. Elas serviram de resposta entre a cultura erudita e popular aos eventos que colocaram o Império Bizantino em grande abalo ameaçando sua existência.

² Ernst Cassirer. *Antropologia filosófica; ensaio sobre o homem*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977. Pp.119-123.

³ Idem, p.125.

⁴ Com relação aos povos de Gog e Magog, o tomo 2.1 abordará com mais detalhes.

Nesta monografia, o conteúdo oscilará entre os pontos factuais e míticos do Império Bizantino e as narrativas selecionadas para a análise. A utilização de um breve resumo histórico antes do reinado de Heráclio servirá para atentar ao leitor que os eventos que emergem nesse período e ligeiramente após a ele são frutos de vicissitudes decorrentes dos reinados de Maurício e Focas, das relações destes com os Sassânidas sob o comando de Cosroé II e das invasões dos eslavos, todas servindo de prelúdio para o que aconteceria no reinado de Heráclio. Já em relação as narrativas míticas será feito alusões acerca da origem de cada uma e o que se entende pelos povos de Gog e Magog nessas lendas e em outras abordagens relativas a eles. Por fim, as últimas seções se encarregarão de fazer um paralelo entre os eventos políticos no império e as recensões presentes nas narrativas.

1. Conjuntura política; prólogo para o mito

O reinado do Imperador Heráclio foi um período conturbado que não passou incólume pela história do Império Bizantino. Não somente as décadas em que Heráclio governou (610-641), mas todo o séc.VII foi ponto-chave para a configuração do império nos séculos posteriores, seja do ponto de vista político, seja do religioso. Em síntese, seu reinado começou com a deposição de um usurpador, a reestruturação dos exércitos imperiais, os constantes conflitos territoriais com os vizinhos do império, as rusgas religiosas internas contundentes, problemas econômicos severos e o vislumbre da expansão de uma nova religião que viria afetar de forma relevante não somente o Império, mas diversas regiões do mundo conhecido; o Islamismo. Contudo, tantos fatos desfavoráveis não foram nutridos no reinado de Heráclio, mas grande parte deles foi reações de eventos anteriores a sua ascensão ao trono em 610.

Heráclio foi precedido por Focas (602-610), um tirano que usurpara o trono em 602 quando irrompeu contra as tropas imperiais e invadiu Constantinopla massacrando o imperador Maurício e sua família⁵. Maurício, que reinou durante vinte anos (582-602), teve que enfrentar constantes incursões eslavas nos territórios controlados pelo Império Bizantino, conturbações nos reinos francos ao norte da Itália e guerras por territórios contra os persas⁶. A problemática com os francos foi resolvida logo nos primeiros anos de governo, conseguindo se reestabelecer reinos submissos na região, entretanto, não são esses eventos o ponto-chave do reinado de Maurício que viria a refletir no futuro com o reinado de Heráclio, e sim as invasões eslavas e as guerras e alianças firmadas com os Sassânidas.

Em 590, a guerra de sucessão no Império Sassânida já se arrastava por quase um ano, onde o então reinante, embora usurpador, Bahram Chobin, aparentemente

⁵ Focas, mesmo sendo recebido com grande entusiasmo pela população de Constantinopla, ainda não se sentia seguro em relação a sua manutenção no poder e temia insurreições por parte dos partidários de Maurício. Sem muita escolha, mandou executar Maurício e sua família ordenando que suas cabeças fossem espalhadas por toda capital imperial. A esposa e as filhas do Imperador deposto foram poupadas e enviadas para um monastério. Warren Treadgold. *A History of the Byzantine State and Society*. Stanford: Stanford University Press, 1997. Pp.236-237.

⁶ Andrew Louth. "Justinian and his legacy (500-600)" in: Johnatan Shepard (ed.). *The Cambridge History of The Byzantine Empire c.500-1492*. New York: Cambridge University Press, 2008. Pp.126-127.

pertencente a uma dinastia nobre e antiga de origem arsásida⁷, e Cosroé Parvez ou Cosroé II, filho de Hormisda IV, herdeiro legítimo ao trono Sassânida, disputavam o poder. Nesse período, ambos pediram ajuda militar ao Império Bizantino e pelo favor restituíam territórios sassânidas antes pertencentes aos bizantinos, como a Mesopotâmia por exemplo. O fator da legitimidade ao trono pesou e Constantinopla ficou a favor de Cosroé cedendo forças militares em auxílio ao beligerante e suposto herdeiro legítimo⁸. Esta conjuntura política no Império Sassânida de certa forma foi benéfica para Maurício, visto que, o resultado da disputa do poder persa iria influir diretamente nos assuntos territoriais de Constantinopla. Desde o reinado de Justiniano, os imperadores bizantinos dos sécs.VI e VII tentaram a todo custo manter os territórios conquistados por este imperador amiúde sem sucesso.

Auxiliar diretamente em questões sucessórias do vizinho e rival império poderia aliviar as tensões dentro e fora dos territórios bizantinos. E foi isso o que aconteceu. Com a derrota de Bahram e a volta de Cosroé ao trono, Maurício recebeu os territórios prometidos, firmou a paz com os Sassânidas e ainda garantiu extrema lealdade do novo reinante persa⁹. Com essa nova formatação política, o Império Bizantino pode voltar suas atenções para a questão dos Bálcãs e as invasões eslavas que lhe rendiam sucessivos prejuízos¹⁰. Após quase dez anos de constantes investidas militares, Maurício conseguiu empurrar as populações eslavas para além do Danúbio e impor-lhes importantes baixas, contudo mesmo com o sucesso nas campanhas o imperador teve que enfrentar problemas internos relativos a sua postura de comandante militar que lhe renderiam o poder e a própria vida. Dois eventos foram cruciais para a deposição de Maurício do poder; a) em 599 os ávaros conseguiram fazer uma ofensiva maciça contra o Império Bizantino chegando próximo às muralhas de Constantinopla¹¹. Nesse fato, aproximadamente 17.000 bizantinos foram feitos prisioneiros sendo exigida metade de uma parte de ouro para cada um em resgate a qual Maurício recusou pagamento. Em virtude disso todos os prisioneiros foram executados¹². E b) entre 601-602 Maurício empreendeu uma incursão militar ao norte do Danúbio, entretanto, com a chegada do

⁷ Richard N. Frye. "The political history of Iran under sasanians" in: Ehsan Yarshater. (ed.). *The Cambridge History of Iran* v.3. New York: Cambridge University Press, 2000. P.164.

⁸ Idem, p.164.

⁹ Treadgold, op.cit. pp.230-231.

¹⁰ John V. A. Fine Jr. *The Early Medieval Balkans*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2000. P.32.

¹¹ Id.ibid.

¹² Id.ibid.

inverno ele ordenou que se mantivesse a operação mesmo as tropas não estarem preparadas para o inverno rigoroso¹³.

O que é mais difundido pela historiografia é que devido ao episódio da campanha de inverno ao norte do Danúbio, houve um motim entre os exércitos que lá estavam e escolheram Focas para liderar um levante contra Maurício e derrubá-lo do poder para que seu filho Teodósio pudesse assumir em seu lugar, porém Focas reúne os exércitos e marcha para Constantinopla para usurpar o trono¹⁴. Maurício foge, mas é capturado e executado, juntamente com sua família¹⁵. Não obstante, há referências ligando os eventos do não pagamento de resgate dos reféns e a consequente execução dos mesmos, como o início do descontentamento de setores do exército imperial com o imperador, tomando como ponto de partida a grande impopularidade a qual Maurício ganhou após a execução dos cativos¹⁶.

Com a tomada do poder por Focas, Cosroé II imediatamente finaliza o longo período de paz com o Império Bizantino e retoma as invasões aos territórios do vizinho. Em certa medida, essa reviravolta no trono de Constantinopla soou como uma grande injúria à Cosroé devido ao fato da intensa relação de admiração e amizade a Maurício. Os dois reinantes mantinham uma forte ligação de fraternidade, sobretudo após o auxílio de Maurício na sucessão do trono no Império Sassânida em favor de Cosroé. Exemplo disso, é a famosa carta que Cosroé envia a Maurício em que o rei persa afirma que o mundo estava sob domínio de dois grandes impérios comandados por sábios reinantes¹⁷. A recíproca era verdadeira ao passo que em relações diplomáticas ambos se tratavam como “meu irmão”¹⁸.

¹³ Louth, op.cit. p.128.

¹⁴ Id.ibid. Ver também Frye, op.cit p.167.

¹⁵ Ver supra nota 5.

¹⁶ Fine, op.cit. pp.32-33.

¹⁷ Nina Garsoian. “Byzantium and The Sasanians” in: Ehsan Yarshater (ed.). *The Cambridge History of Iran* v.3. New York: Cambridge University Press, 2000. Pp.577-578.

¹⁸ Id.ibid.

Focas entendia que um conflito com os Sassânidas não seria positivo, visto que o Império Bizantino ainda tinha problemas internos e sucessivas investidas de outros povos, como os eslavos, nas fronteiras do seu império. Entretanto, seus esforços de paz com os sassânidas foram malogrados devido a recusa de Cosroé em selar um acordo de não agressão. Focas não fora reconhecido como legítimo imperador por Cosroé e ainda sofreria uma tentativa de conspiração por parte da esposa de Maurício e generais fieis ao antigo imperador: porém, o plano fora descoberto e os conspiradores executados¹⁹. Finalmente, em 610, Focas sofre sua última reviravolta: é destronado e executado por Heráclio, que liderava um contingente militar vindo da África e Egito.

¹⁹ Treadgold, op.cit. p.238.

2. Heráclio, o cenário dos mitos

As considerações feitas no capítulo anterior servem de pano de fundo para o que virá a seguir. O panorama do império ao qual Heráclio vislumbra quando ascende ao poder não é o mais animador. Contudo, as transformações que ocorrem ali durante o seu reinado ganharam tamanha importância que esse período é considerado, por muitos, o ponto final da Antiguidade e o início da Idade Média para o Império Bizantino²⁰.

Além disso, o império enfrentava constantes dissidências entre os diferentes movimentos dogmáticos cristãos como o nestoriano e o monofisista a qual colocavam as instituições básicas do império em séria instabilidade. Entretanto, o evento que estremeceu de fato as instituições religiosas, o Império e a própria Cristandade bizantina foi a tomada de Jerusalém e a captura da “Verdadeira Cruz”²¹ pelos persas em 614. Esses símbolos máximos da cristandade caíram nas mãos dos persas trazendo um sentimento de desolação; a percepção da chegada do Anticristo e o apocalipse ficaram latentes nesse período²². Ademais, outras fontes do período atestavam que o sentimento escatológico na sociedade bizantina há muito estava presente devido aos eventos que se sucediam nos governos de Maurício e Focas, notadamente a invasão dos povos bárbaros vindo dos Bálcãs e a guerra contra os persas²³.

No início da guerra, os bizantinos sofreram importantes derrotas e a perda de vários territórios estratégicos. Antes da tomada de Jerusalém, os Sassânidas, sob o comando do general Charbaraz, tomaram Damasco e a Palestina, episódio este marcado pelo apoio dos judeus residentes nestas regiões. Esse apoio foi importante para a captura

²⁰ Wolfram Brandes. “Heraclius between restoration and reform; some remarks on recent research” in: Gerrit J. Reinink / Bernard H. Stolte (eds.). *The Reign of Heraclius; Crisis and Confrontations*. Leuven / Paris / Dudley: Peeters, 2002. P.17.

²¹ A lenda da “Verdadeira Cruz” tem sua origem provável no séc.IV, em que a mãe de Constantino, Helena Augusta, vai a Jerusalém em busca do sepulcro de Jesus. Chegando lá, ela encontra três cruzes abandonadas a qual ela identifica como as que foram usadas na crucificação de Cristo e dos dois ladrões. Devido à lenda dessa descoberta, a “Verdadeira Cruz” se configurou como um dos maiores tesouros da Cristandade medieval, fomentando inclusive a adoção da cruz como símbolo máximo do cristianismo. Jan W. Drijvers. *Helena Augusta. The Mother of Constantine the Great and the Legend of Her Finding of the True Cross*. Leiden / New York / Kobenhavn / Koln: Brill, 1992. Pp.79-80.

²² Gerrit J. Reinink. “Heraclius, the new Alexander. Apocalyptic Prophecies during the Reign of Heraclius” in: Gerrit J. Reinink / Bernard H. Stolte. (eds.). *The Reign of Heraclius; Crisis and Confrontations*. Leuven / Paris / Dudley: Peeters, 2002. Pp.81-82.

²³ Id.ibid.

de Jerusalém meses mais tarde²⁴. No primeiro momento os cristãos de Jerusalém não ofereceram resistência efetiva contra a ofensiva persa; no entanto, quando o general Charbaraz se retirou para uma incursão ao sul houve uma revolta cristã na cidade santa levando a expulsão da guarnição sassânida ali presente. Este fato acarreta uma ofensiva persa ainda mais contundente sobre Jerusalém, onde diversas igrejas importantes foram destruídas, diversos cristãos foram deportados para territórios sassânidas e a “Verdadeira Cruz” levada pelos persas²⁵.

Todos esses eventos marcaram um profundo sentimento contra os persas em Constantinopla e em todo o território bizantino. Diversas narrativas do período situam a invasão de Jerusalém, a destruição de templos cristãos importantes e a captura da relíquia sagrada de forma tão catastrófica de modo que nenhuma outra derrota anterior poderia lhe ser comparada, em termos de impacto na sociedade cristã oriental²⁶. De fato, a ocupação de Jerusalém durante 14 anos pelos persas fomentou o medo da extinção do Império Cristão na terra e da própria fé, visto que os símbolos da cristandade estavam agora em mãos pagãs.

E a situação piorara ainda mais. Nos territórios ao norte, os ávaros se uniram aos eslavos contra o império de Heráclio e causaram importantes prejuízos ao império como conquista de territórios. Ou seja, apenas alguns anos depois de subir ao trono em Constantinopla, Heráclio enfrentou uma séria crise territorial e, sobretudo, uma crise na perspectiva da duração do Império Bizantino, que havia sido posto em xeque. Algum tempo depois, persas e balcânicos se uniram de modo a atacar seu inimigo em comum chegando bem próximo de conquistar Constantinopla, levando, inclusive, Heráclio a cogitar a transferência da capital do império para Cartago²⁷.

Heráclio precisava dar uma resposta contundente e uma conclusão positiva à guerra em se tratando do pessimismo em relação ao futuro do império que vigorava nas regiões periféricas (Mesopotâmia, Palestina e Ásia Menor)²⁸. A reviravolta veio na segunda metade da década de 620, quando finalmente Heráclio vence a batalha de Nínive deixando as forças Sassânidas enfraquecidas, recupera Jerusalém e resgata as relíquias da “Verdadeira Cruz”.

²⁴ Treadgold, op.cit. p.289.

²⁵ Id.ibid.

²⁶ Yuri Stoyanov. “Archaeology versus written sources: the case of the persian conquest of Jerusalem in 614” in: *Acta Musei Varnaensis*. Varna, v. 8, n. 1, pp.351-358, 2007. P.352.

²⁷ Andrew Louth. “Bizantium transforming (600-700)” in: Johnatan Shepard (ed.). *The Cambridge History of The Byzantine Empire c.500-1492*. New York: Cambridge University Press, 2008. P.224.

²⁸ Reinink, op.cit. p.84.

Inúmeras são as narrativas épicas entorno da vitória de Heráclio e do Império Bizantino sobre os pagãos e em todas elas temos o enaltecimento do imperador como aquele que salvara o “mundo civilizado” como elemento central do contexto. O fato dessa vitória ter posto fim a séculos de conflitos entre bizantinos e persas, o destronamento e execução de Cosroé²⁹ atenuaram o sentimento de temor que pairava entre os cristãos desde o início do século.

No entanto, anos mais tarde o Império Bizantino viria a sofrer com as incursões árabes em larga escala perdendo novamente territórios que, de forma árdua, conseguira recuperar dos persas. Novamente uma onda de temor afligiria a sociedade bizantina, pondo inclusive a responsabilidade sobre Heráclio com relação a esse revés tido como castigo divino³⁰. Consequentemente, emergem narrativas que, de forma mítica e factual, relatam o período.

Desta maneira, a escatologia bizantina contém narrativas voltadas para os dois períodos mais cruciais e tensos do reinado de Heráclio, onde seu enfrentamento contra persas, balcânicos e árabes ganham a simbologia de povos inimigos da própria Cristandade. Essa simbologia é remetida aos povos de “Gog” e “Magog”, figuras com traços apocalípticos, como se verá adiante, que se uniam ao sentimento do final da história universal. Todos esses elementos estão presentes nas três narrativas estudadas nesta monografia.

²⁹ Treadgold, op.cit. p.299.

³⁰ Idem, p.304.

2.1. As narrativas: Pseudo-Calístenes, Pseudo-Metódio e Jacó de Serugh

As narrativas a serem utilizadas na análise proposta por este trabalho são textos que emergiram na primeira metade do séc.VII, período este em que Heráclio reinou e combateu as invasões persas, eslavas e árabes. Todas essas narrativas narram a saga de Alexandre em descobrir uma região inóspita, selvagem e sombria até então relatada apenas sob a forma de rumores. Estes textos se afastam da verossimilhança historiográfica e das biografias mais aceitas de Alexandre, entretanto também se utilizam de elementos narrativos concretos para dar características reais em seu conteúdo.

As três narrativas serão: *A Lenda Siríaca de Alexandre*³¹ atribuída ao Pseudo-Calístenes³², o *Apocalipse*³³ de Pseudo-Metódio e as “Homilias”³⁴ de Jacó de Serugh, também chamadas de *memra*³⁵. Destas três, a que mais apresenta complexidade acerca de sua origem, disseminação e conteúdo é a narrativa do PC. Ela aparece como uma das mais influentes, provavelmente composta em grego originalmente, e é mais conhecida como *Romance Grego de Alexandre*³⁶. Os contos do RA se disseminaram por várias regiões da Ásia, Europa e África por onde o macedônio nunca passara³⁷. A fábula atribuída ao PC foi traduzida para diversas línguas antigas durante a Antiguidade Tardia e a Idade Média. Contudo, a “versão original” em grego nunca foi encontrada, restando apenas versões traduzidas a partir dela³⁸.

Dentre elas, a tradução oriental do RA mais antiga é a armênia. Esta seria uma tradução feita diretamente do grego por volta do séc.V, e é por esse motivo que a

³¹ A narrativa a ser utilizada aqui foi traduzida por Ernest A. T. W. Budge e está contida em sua obra *The History of Alexander the Great Being the Syriac Version of the Pseudo-Callisthenes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1889. Pp.144-158. Tradução feita por Ernest Budge sugerida pelo orientalista William Wright com o intento de auxiliar nos estudos da língua siríaca e de facilitar os estudos folclóricos siríacos de Alexandre até então escassos. Budge, op.cit. p.IX.

³² A partir desse ponto, para melhor fluidez da leitura e escrita, utilizar-se-á da abreviatura PC para Pseudo-Calístenes, PM para Pseudo-Metódio e JSh para Jacó de Serugh.

³³ A narrativa concernente ao PM foi traduzida por Francisco Javier Martinez em sua obra intitulada *Eastern Christian Apocalyptic in the Early Muslim Period; Pseudo-Methodius and Pseudo-Athanasius*. Washington D.C; PhD Thesis, 1985. Pp.122-201.

³⁴ Assim como PC, a narrativa de JSh também foi traduzida e está contida nessa mesma obra de Budge: Budge, op.cit. pp.163-200.

³⁵ Juan P. Monferrer-Sala. “Alexander the Great in the Syriac Literary Tradition” in: Zachary D. Zuwiyya (ed.). *A Companion to Alexander Literature in the Middle Ages*. Leiden / Boston: Brill, 2011. P.42.

³⁶ Para melhor fluidez na leitura, toda referência ao *Romance Grego de Alexandre* neste artigo será apresentada pela sigla RA.

³⁷ Stephen Geró. “The Legend of Alexander the Great in the Christian Orient” in: *Bulletin of the John Rylands University Library* 75. Manchester, 1993. P.3.

³⁸ Idem, p.4.

tradução ganha importância visto que a cada versão, conforme a época e a cultura, varia o conteúdo fabular da narrativa. Isto significa que supostamente a versão armênia é a que mais se aproxima da “versão original” do RA, acerca do papel de Alexandre, o Grande³⁹.

Entretanto, a versão traduzida mais difundida é o texto em siríaco. Esta versão fora confeccionada aproximadamente no séc.VII, a partir de um manuscrito em persa médio⁴⁰. O texto siríaco é considerado a versão oriental mais importante do RA devido a sua grande influência entre diversos povos mesmo com algumas dissonâncias frente aos textos traduzidos do grego. A versão siríaca serviu de base para outras traduções, dentre elas o romance segundo a tradição árabe-cristã que teve grande influência na região norte da África, sobretudo no Egito, chegando até a Etiópia e se transformando na versão etíope da lenda⁴¹.

As *Homilias* de JSh tem seu conteúdo bastante próximo da *Lenda Siríaca de Alexandre* e são compostas em forma versificada contendo setecentos versos e tem sua datação comumente aceita pouco antes da conquista islâmica dos territórios bizantinos na Mesopotâmia e Palestina⁴². Jacó de Serugh ou Mar Jacó foi um bispo monofisista do séc.VI da cidade de Serugh (atual Suruç, na Turquia). Nasceu em Curtam, aldeia às margens do rio Eufrates em 451, sendo educado na escola persa de Edessa. Escreveu sobre diversos tópicos em decassílabos métricos e compôs seis homilias em prosa os quais 43 epístolas foram enviadas aos cristãos de Najran⁴³.

³⁹ Gero, op.cit. p.4.

⁴⁰ Monferrer-Sala, op.cit. p.41.

⁴¹ Gero, op.cit. p.6.

⁴² Id.ibid.

⁴³ Monferrer-Sala, op.cit. p.44.

Já o *Apocalipse* do PM é posterior às duas outras narrativas analisadas aqui. Sua datação mais aceita é por volta do último quarto do séc.VII, logo após as invasões islâmicas no território bizantino⁴⁴. A organização do seu conteúdo é ligeiramente distinta das demais narrativas trabalhadas aqui como se verá adiante. No entanto, o que se pode adiantar por hora é que as três lendas, em relação ao formato e conteúdo de forma superficial, lidam com o mesmo objeto, Alexandre, o Grande e os povos de Gog e Magog, e os exemplares usados nesta monografia foram traduzidos a partir do siríaco. De certo modo, fazer uma reflexão acerca de três tradições literárias míticas interpolando seu conteúdo com a história factual não é uma tarefa simples. Porém, os símbolos utilizados em cada uma delas abre um viés tão claro no sentido de levantar indícios sobre como a sociedade cristã bizantina absorvia os fatos a sua volta que a reflexão flui naturalmente.

⁴⁴ Gero, op.cit. p.8.

2.2. Gog e Magog

As lendas e profecias acerca dos povos de Gog e Magog podem ser encontradas em tradições judaicas, cristãs e islâmicas. Em todas elas, a descrição mais comum é a de que são povos provindos de terras desconhecidas e inóspitas do norte. A grande marca desses povos, segundo essas tradições, é sua extrema selvageria que, aliada a um exército imenso e desprovido de humanidade, ataca, mata e escraviza outros povos.

A etimologia de “Gog” e “Magog” é incerta e existem várias versões explicando suas origens. A origem etimológica de “Gog”, por exemplo, costuma ser relacionada ao rei de Lídia, no oeste do planalto Anatólio, no séc.VII a.C. Esse rei era chamado de Gyges e se encontrava em constantes conflitos com povos vizinhos. Outra referência é Gagu, nome dado a uma região no norte do reino assírio de Assurbanípal. E por fim, Gog seria a derivação de “gug”, palavra suméria que pode ser entendida como “escuridão”⁴⁵. Na mesma linha, “Magog” também tem sua origem envolta em especulações; entretanto, a maioria das referências indicam Magog como uma região que seria governada por Gog, portanto, a segunda sendo derivada da primeira⁴⁶.

Os povos de Gog e Magog assumem o papel de inimigos que podem colocar em risco a existência da própria humanidade. Na Bíblia, por exemplo, o livro de Ezequiel profetiza que o reino de Magog e seu poderoso exército iriam atacar Israel deixando um rastro de morte por onde passassem, porém seriam derrotados pelo poder divino de Deus⁴⁷. Ainda na Bíblia, no livro do *Apocalipse*, no Juízo Final haveria um levante de povos inimigos denominados Gog e Magog que seriam a própria personificação do Mal e que tentariam destruir o povo de Deus. Assim, Gog e Magog não são tratados como a mesma figura em passagens diferentes. De acordo com a conjuntura de cada cultura, Gog e Magog são adequados e personificados ao povo em questão. Essa apropriação assume contornos apocalípticos em alguns casos, pois Gog e Magog trazem destruição por onde passam. Portanto, povos como hunos, assírios, medos, turcos, entre outros, já foram identificados com esse nome pelas populações que invadiam e guerreavam⁴⁸.

⁴⁵ Emeri van Donzel e Andrea Schmidt. *Gog and Magog in Early Eastern Christian and Islamic Sources*. Leiden: Brill, 2009. P.3.

⁴⁶ Idem, p.4.

⁴⁷ William A. Tooman. *Gog of Magog; Reuse of Scripture and Compositional Technique in Ezekiel 38 – 39*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2011. P.139.

⁴⁸ Donzel / Smith, op.cit. p.4.

No entanto, as profecias envolvendo Gog e Magog não ficaram restritas aos períodos da Antiguidade e da Idade Média. Diversos textos da modernidade ainda remetem a estes episódios terríveis que hão de acontecer, porém com elementos que se encaixam na conjuntura global vigente à época em que foram escritos⁴⁹. Dessa forma, Gog e Magog não se configuram como um povo específico e sim como uma generalidade nominal empregada desde a Antiguidade por diferentes culturas em diferentes épocas, inclusive na atualidade, para se referirem ao terror iminente; ao Mal ameaçador que, sempre em um sentido escatológico, trará devastação.

Em relação à descrição física desses povos em alguns textos medievais há uma tentativa de desumanizá-los ao ponto de torná-los verdadeiros monstros folclóricos. São mencionados homens que se vestem com peles de animais selvagens, com dentes longos de predadores, unhas que se assemelham a garras afiadas e caudas grandes e peludas⁵⁰. Outra referência feita é sobre os povos vizinhos a Gog e Magog, que também têm feições monstruosas, tendo até orelhas de elefante e que vivem em cavernas profundas, que têm aversão aos raios solares⁵¹. Suas mulheres teriam apenas um seio e lutariam melhor do que os homens. Seus hábitos alimentares eram compostos de sangue de homens e animais e carne viva de tudo o que se possa matar. Eles vestiriam pele de animais e seriam inteiramente devotados ao terror, matança e saques. Sempre que iam à guerra, sacrificavam uma mulher gestante, cozinhando-a e molhando suas armas na água resultante do sacrifício. Para cada grupo de cem homens haveria cem mil hordas demoníacas que os acompanhariam⁵².

⁴⁹ Literatura apocalíptica moderna cristã e islâmica, por exemplo, há uma nova significação de Gog e Magog. Em uma delas Gog habita o Triângulo das Bermudas e juntamente com outras criaturas demoníacas espera o momento de seu surgimento apocalíptico. Em outras, são retratados como a Rússia e outros países do norte asiático. Remke Kruk. "Gog and Magog in modern garb" in: Ali-Asghar Seyed-Gohrab, Faustina Doufikar-Aerts e Sen McGlinn (eds.). *Embodiments of Evil: Gog and Magog*. Leiden: Leiden University Press, 2011. Pp.53-65.

⁵⁰ Donzel / Smith, op.cit. p.66.

⁵¹ Id.ibid.

⁵² PC in: Budge, op.cit. p.151.

As lendas que envolvem esses povos servem de base para o temor apocalíptico que cristãos, islâmicos e judeus profetizavam. São povos cujo numeroso contingente somente Deus poderia mensurar, pessoas que habitavam terras sóbrias⁵³; seriam ainda de costumes e aparência tão horripilantes, que por certo não poderiam ser humanos, podendo invadir e destruir tudo o que vissem pela frente. Assim, essa provável investida deveria ser evitada de forma que se impossibilitasse esses povos de invadirem terras civilizadas. Nesse sentido, algumas lendas aludem a uma barreira construída por Alexandre, o Grande durante sua campanha de conquista centro-asiática para que impedisse a passagem desses povos bárbaros e pagãos e os enclausurassem até o dia do Juízo Final.

⁵³ PC in: Budge, op.cit. p.150.

3. Heráclio e as narrativas: “O Novo Alexandre”

Inúmeros textos antigos pretendem desvendar e descrever a trajetória de vida de Alexandre, o Grande, figura que unificou a Grécia e conquistou o Império Persa. Esses textos podem ter tanto aspectos verossímeis quanto outros fantasiosos, míticos. A grande quantidade de narrativas acerca do rei macedônico se deve à sua grande contribuição para as transformações no mundo antigo. As campanhas protagonizadas por Alexandre trouxeram diversas mudanças na conjuntura política e militar a partir do séc.IV a.C. na Europa e na Ásia. Contudo, uma transformação fundamental causada pelas conquistas desse personagem deu-se no campo cultural. Isto se deve ao fato da realocação da cultura grega em diversas partes do Oriente Próximo e Ásia Menor ter aumentado a interação e o *modus vivendi* entre diferentes culturas⁵⁴ não gregas.

Desde modo, Alexandre ganha a alcunha de herói devido às suas façanhas de conquista no Oriente e, conseqüentemente, dos povos bárbaros amiúde de costumes não convencionais. A apropriação desse herói ocidental passava sempre por reformulações devido à cultura religiosa cristã do Ocidente a fim que ele possa servir de exemplo máximo de cristão e defensor da humanidade. Assim sendo, essas lendas situam Alexandre como um imperador cristão de extrema devoção e fé cuja conduta heroica de salvação da Cristandade nada mais é do que uma posição de perseverança e destemor que todo cristão deveria tomar para defender sua fé e religião.

Nas três tradições literárias abordadas aqui, Alexandre, o Grande vai em busca de desvendar terras desconhecidas onde supostamente habitariam povos com características incomuns. Nelas, a interpretação apocalíptica cristã emerge elegendo o rei macedônico como figura escatológica precursora no combate contra os inimigos do povo escolhido.

Essas escatologias foram empregadas com claro cunho propagandístico, devido a campanha vitoriosa de Heráclio contra os persas enfatizando que a vitória fazia parte do plano divino em que os povos inimigos do “último império cristão” seriam derrotados em definitivo⁵⁵. Portanto, Heráclio, mesmo diante de todas as adversidades e

⁵⁴ Thomas R. Martin. *Ancient Greece; From Prehistoric to Hellenistic Times*. New Haven / London: Yale University Press, 1996. Pp.198-200.

⁵⁵ Donzel / Smith, op.cit. p.18.

intempéries, perseverou e luta contra os pagãos que desejavam a aniquilação do Império Bizantino e os vence.

Como dito nas páginas anteriores, as *Homilias* e a *Lenda* são bastante semelhantes em seus conteúdos. As narrativas se iniciam com Alexandre ainda no Egito com seus exércitos, e ele questiona a um dos seus generais acerca da existência de terras totalmente desconhecidas; o general replica que existiam de fato e que estas eram margeadas por mares terríveis e fétidos onde a costa era estéril e sequer um pássaro seria capaz de sobrevoá-la. Alexandre sente-se instigado a explorá-las e dominá-las caso fosse necessário, escravizando seu rei caso houvesse. Assim, mandou preparar um exército de 320 mil homens e embarcá-los em navios rumo a essas terras⁵⁶. Nesse momento, a narrativa se emprega da característica mais presente na tradição siríaco-cristã de Alexandre; o rei, no momento da partida da expedição, faz uma prece a Deus, exaltando-o e ofertando-lhe todo o esforço da campanha de conquista destes povos bárbaros. Alexandre espera a vinda do filho de Deus, Jesus, e entrega todo o seu reino e seus exércitos ao Messias para que em seu reinado possa ser usado conforme o seu desejo e para seu esplendor. Alexandre ainda endossa dizendo que ergueria um trono de prata em Jerusalém para que o Filho de Deus pudesse reinar soberano eternamente⁵⁷. Outro ponto a ser destacado é a passagem de Alexandre e seu exército pelo Monte Sinai onde acampam antes da ida às terras desconhecidas⁵⁸.

Entretanto, em JSh Alexandre já é avisado através de uma revelação divina sobre a existência de Magog e que lá deveria ser feito um portão para que eles pudessem ser enclausurados⁵⁹. Na realidade, as menções feitas com relação construção da barreira feita por Alexandre a fim de excluir Gog e Magog do mundo civilizado aparecem nas três narrativas, porém, as referências da construção da barreira são iguais em relação às iniciativas em PC e PM, e Alexandre decide construir por conta própria a sua muralha pedindo auxílio ao poder divino.

Gog e Magog funcionam, como aludido anteriormente, como uma generalidade nominal em que foram ou são empregados de acordo com a conjuntura à qual se referem. Assim, em cada uma das três narrativas estes são empregados de forma diferentes. No PM, Alexandre luta contra povos inimigos, ou seja, Gog e Magog, que não necessariamente provêm do norte e sim do leste, de uma terra chamada “o fogo do

⁵⁶ Budge, op.cit. pp.144-146.

⁵⁷ Budge, op.cit. p.146.

⁵⁸ Idem, p.147.

⁵⁹ JSh in: Budge, op.cit. p.167.

Sol⁶⁰. Essa nova referência de povos que viriam do Oriente notadamente indica que seriam os árabes que estavam em plena campanha de expansão do islamismo, conquistando novos territórios e convertendo centenas de cristãos, inclusive do Império Bizantino⁶¹. O surgimento e o crescimento dessa nova religião puseram os bizantinos em situação ainda mais vulnerável, se compararmos as várias décadas de luta contra os persas acarretando um desgaste elevado do império e conseqüentemente, ao enfraquecimento político do mesmo⁶².

Já em relação ao PC, os povos de Gog e Magog são colocados como os Hunos que habitariam as famigeradas terras desconhecidas e sombrias do norte⁶³. No início, quando Alexandre deseja desbravar as terras desconhecidas menciona que se dirigiria a elas para conhecê-las e subjugar-las caso necessário. Esta menção corroboraria com constantes invasões dos hunos às regiões cristãs, principalmente, ao norte da Mesopotâmia séculos antes do reinado de Heráclio⁶⁴. Entretanto, na narrativa de JSh, Alexandre não menciona que se dirigiria ao norte a fim de explorar as terríveis terras misteriosas. Isto daria coerência ao fato que no transcórrer da narrativa um velho e sábio homem que guiava o rei macedônico, assim como em PC, alerta que os povos que habitavam aquelas terras sombrias além das montanhas seriam persas governados por Tubarlaq⁶⁵, ou seja, Gog e Magog em JSh não se refere aos hunos, apesar da proximidade com o PC, mas sim aos persas.

O significado de Gog e Magog em cada uma das narrativas é ponto-chave para o entendimento de como é caracterizado o grau de importância de cada inimigo a qual o Heráclio combatia em defesa do seu império. Como aludido anteriormente, a narrativa de PC utilizada foi composta supostamente logo após a vitória de Heráclio contra os persas em 628, no entanto, o império sofrera demasiadamente com as invasões eslavas, sobretudo dos ávaros, nas fronteiras mais ao norte. Isso abre espaço para remeter a figuração de Gog e Magog em PC não estritamente aos hunos e sim toda a população

⁶⁰ PM in: Martinez, op.cit. p.132.

⁶¹ Donzel / Smith, op.cit. p.27.

⁶² Reinink, op.cit. pp.81-82

⁶³ Budge, op.cit. p. 150.

⁶⁴ Donzel / Smith, op.cit. p.21.

⁶⁵ PSh in: Budge, op.cit. p.176. As referências acerca da origem ou do uso do nome Tubarlaq nas narrativas concernentes a Alexandre são diversas. Na versão armênia, por exemplo, Tubarlaq é designado aos chamados turcos que desde o séc.VI faziam incursões aos territórios bizantinos. James Howard-Johnston. "Armenian historians of Heraclius; an examination of the aims, sources and working-methods of Sebeos and Movses Daskhurantsi" in: Gerrit J. Reinink / Bernard H. Stolte. (eds.). *The Reign of Heraclius; Crisis and Confrontations*. Leuven / Paris / Dudley: Peeters, 2002. Pp.42-46. Em outro ponto o personagem Tubarlaq é atribuído a Cosroé II, o grande rival de Heráclio e soberano persa na Guerra Bizantino-Sassânida. Reinink, op.cit. p.84.

balcânica que invadia e saqueava territórios bizantinos chegando, em dados momentos, a sitiá Constantínopla, centro do Império. Por sua vez, em JSh a colocação dos persas como Gog e Magog, isto é, o inimigo máximo de Alexandre, pode ser entendida devido ao fato da Mesopotâmia ter sofrido diversas invasões e conquistas pelos persas ao longo dos séculos, visto que a narrativa de JSh tem sua composição supostamente localizada nessa região.

Na realidade, as três narrativas têm sua origem remontada à Mesopotâmia, região periférica do Império Bizantino em que se configurava um dos principais centros religiosos da fé cristã dentro do império. Mais que isso, acredita-se que o até séc.VII a periferia do império era um importante reduto para a produção cultural, filosófica, social e religiosa do Império Bizantino deixando Constantínopla na posição de quase um mero centro administrativo. Foi, portanto, em função das constantes invasões de diferentes povos a qual pespegavam uma situação quase que de cerco ao império que este século é visto como ponto de transição e de realocação de todos esses elementos subjetivos para Constantínopla⁶⁶. Dessa forma, é evidente que toda a conjuntura política e social da época afetou de forma clara a região da origem das narrativas interferindo de forma significativa nos conteúdos de cada uma delas.

Um ponto significativo nessas três tradições escritas a ser salientado aqui é a construção de uma barreira ao pé de duas montanhas que limitavam os territórios de Gog e Magog a fim de enclausurar esses povos e excluí-los da civilização. Esta barreira é fundamental no enredo escatológico apresentado em cada uma das narrativas, pois a batalha real e definitiva entre os cristãos e os exércitos do mal se dá após a abertura da barreira e a então saída dos povos enclausurados para a destruição do mundo cristão.

Em todas elas, Alexandre, ao construir a barreira pede a Deus que o ajude na empreitada de modo que esse muro não possa ser rompido por Gog e Magog até que a vontade de Deus prevaleça permitindo que eles saiam⁶⁷. As profecias apocalípticas que se seguem após a saída de Gog e Magog alertam que haveria intensas batalhas e que os inimigos se juntariam e lutariam entre si ao mesmo tempo. Também se levantariam contra a Cristandade, espalhando morte e destruição por onde passassem, contudo, ao final, seriam derrotados pelos exércitos de Deus fortificados pelo seu poder divino.

⁶⁶ Louth. “Bizantium transforming (600-700)”, p.224.

⁶⁷ As medidas da barreira e do portão, os materiais usados na construção, a quantidade de ferreiros e trabalhadores braçais usados na construção são idênticas nas três narrativas. As menções da construção da barreira em PC está em Budge, op.cit pp.153-154, em JSh, Budge, op.cit. pp.182-185 e por fim as referências da construção em PM estão em Martinez, op.cit. pp.133-134.

Em PC, após a conclusão da barreira, Alexandre faz inscrições de caráter profético no próprio portão aludindo ao que haveria de acontecer nos anos subsequentes. A profecia alerta que após 826 anos da construção daquele portão, os hunos ou Gog e Magog, iriam transpor a estreita barreira e marchar sobre a terra, e o barulho da marcha seria ouvido por toda parte. Eles iriam subjugar persas e romanos e escravizar seus habitantes, causando imensa destruição. A profecia continua aludindo que após 940 anos um outro reino iria surgir sob a autorização de Deus e espalharia o pecado por toda a Terra, impregnando-lhe em todo lugar, fazendo coisas que provocariam a ira de Deus. O caos tomaria conta do mundo e quando Deus decidisse extinguir todo o mal, poria as nações impuras para lutarem entre si, matando uns aos outros até o momento em que Ele se reuniria com estas mesmas nações e as destruiria⁶⁸.

No ano de 515 houve a invasão dos hunos às regiões da Capadócia, Galácia e Ponto. Essa data corresponde, segundo o calendário selêucida, aos 826 anos após a construção da barreira, ou seja, corresponde ao tempo profetizado em que os hunos irromperiam os portões e marchariam sobre a Terra. Na segunda profecia, depois de 940 anos após a construção do portão, as nações persas, árabes e os hunos se digladiariam e destruiriam umas às outras. Esse espaço de tempo compreende a invasão dos eslavos⁶⁹ e posteriormente a vitória de Heráclio.

Em PM, no entanto, este período de aflição seria em decorrência do pecado existente entre os cristãos, mas ao final Deus se revelaria, impondo sua vontade e acabando de vez com o poderio inimigo que há séculos reinara de forma ímpia⁷⁰.

Um outro ponto importante encontrado em PM que não está presente nas outras duas recensões é a origem do Império Bizantino. De acordo com a narrativa, quando Alexandre morre sua mãe retorna ao reino de seu suposto pai na Núbia⁷¹, onde se casa com o “Rei-Fundador” de Bizâncio, Buz⁷². A partir dessa união segue uma descrição genealógica a qual Rômulo, rei de Roma, casa-se com Bizância, filha de Buz e concebe três filhos, um deles Urbano, que posteriormente reinaria em Bizâncio⁷³. Assim, fica evidente a legitimação, a partir da lenda de PM, da origem dos reis cristãos de Bizâncio vinda da mãe de Alexandre e do fundador da cidade que viria a se tornar

⁶⁸ Budge, op.cit. p.154. Donzel / Smith, op.cit. p.20.

⁶⁹ Károly Czeplédy. "Monograph on Syriac and Muhammadan Sources in the Literary Remains on M.Kmoskó" in: *Acta Orientalia Academiae Scientiarum Hungaricae*, Fasc. 1/3 Pp. 19-91, (vol. 4). Budapeste: 1954. P.31.

⁷⁰ PM in: Martinez, op.cit. pp.139-144.

⁷¹ Id.ibid.

⁷² Idem, p.135.

⁷³ Idem, p.136.

um império. Desta forma, PM alude aos principais núcleos do Ocidente Clássico, Grécia e Roma, e alguns de seus personagens principais (mitológicos ou não), Alexandre, o Grande e Rômulo, para indicar a herança poderosa e sagrada a qual o Império Bizantino era fruto, ou seja, produto de união de personagens simbolicamente vitoriosos em suas empreitadas.

As três narrativas forjam preceitos de que apesar das adversidades a Cristandade sairia vitoriosa graças ao poder de Deus e as ações de homens que, devotos e obediente, guiariam o povo de Deus à vitória contra seus inimigos, por mais numerosos e difíceis que estes pudessem se mostrar. O papel doutrinador das lendas abre possibilidades para interpretar que alertavam o povo cristão que Deus não os desampararia se estes se mantivessem firmes na fé. Talvez esse alerta se devesse ao fato de inúmeros cristãos estarem se convertendo ao islamismo na expansão árabe⁷⁴. As narrativas de PC e JSh também serviram de propósitos propagandistas das vitórias de Heráclio sobre os persas e eslavos, sugerindo que este último seria uma personificação de Alexandre, ou seja Heráclio se configuraria como o “Novo Alexandre”, a figura devota e fervorosa apresentado nas lendas alexandrinas. Nessa interpretação Alexandre também seria o fundador do “Império Cristão Bizantino Greco-Romano” no qual Heráclio seria seu sucessor direto e sua vitória sobre os persas se configuraria como uma restauração.

⁷⁴ Donzel / Schmidt, op.cit. p.30.

Conclusão

Quando Alexandre cruzou o Helesponto (atual estreito de Dardanelos, na Turquia) ele não somente adentra na Ásia, e conseqüentemente no cerne do Império Persa, mas “inaugura um novo mundo”. Com a conquista da Ásia o mundo antigo nunca mais voltaria a ser o mesmo de antes, e esse “novo mundo antigo” influenciaria povos e culturas de eras posteriores, onde o Oriente e o Ocidente em diversas áreas se convergiram em um só.

Nesse viés, as narrativas míticas aqui tratadas corroboram com a transformação iniciada pelo rei macedônico. Nessas narrativas, Alexandre é cristianizado⁷⁵, e se empenha em enfrentar os inimigos dos cristãos, oferecendo suas conquistas a Deus⁷⁶ e ora pedindo força e sabedoria a Ele⁷⁷ deixando claro que seus feitos são consequência da ajuda divina.

Tanto Alexandre como os povos de Gog e Magog serviam de símbolos para a legitimação de elementos políticos e religiosos posteriores. A utilização de Gog e Magog como figuras apocalípticas, referindo-se a povos distantes que rivalizavam com sociedades cristãs, tais como persas, hunos, mongóis, entre outros, ajudaram na concretização de preceitos religiosos necessários para a consolidação de uma nova hegemonia do mundo civilizado.

O que se pode afirmar sem exagero é que o Império Bizantino envolto de crises e abalos tanto na esfera política como na social, necessitava de uma resposta clara às intempéries que o assolavam e de um herói que, imbuído de liderança, força e fé pudesse fazer frente e sanar as adversidades impostas. Heráclio, imperador e cristão, assumiu este papel de herói, um que cristandade ocidental ainda não tivera. O personagem de Alexandre nas lendas é então o símbolo legitimador dessa nova condição de herói no desenrolar da epopeia em que o Império Bizantino estava mergulhado por sua apreciação “factual” a Heráclio.

Tanto na *Lenda* como nas *Homilias* os persas são os inimigos que se levantariam e seriam derrotados pela liderança de Alexandre, sob o poder e misericórdia de Deus.

⁷⁵ Donzel / Schmit, op.cit. p.16-22.

⁷⁶ Budge, op.cit. p.144.

⁷⁷ Id.ibid. e Martinez, op.cit. p.133.

No *Apocalipse*, Alexandre enclausura os povos inimigos com a ajuda divina, mas salienta que a cristandade iria ser assolada pelas hordas do mal em decorrência do pecado; porém, ao final, Deus revelaria seu poder e derrotaria os inimigos. Os árabes, então, mesmo que em período de grande expansão, fatalmente iriam tombar afirmando que aqueles que se levantam contra os povos escolhidos seriam derrotados.

Portanto, as narrativas se fundamentam no espectro do verossímil, explicando-as o passado, o presente e acalentando o futuro. Vale lembrar, não obstante, que não somente essas narrativas abordaram de forma mítica o contexto da época do Império Bizantino, mas elas se inserem como narrativas de grande influência no mundo medieval cristão. E vale salientar também que para a época elas não vistas em contornos míticos, fantasiosos e sim como expressão real da verdade.

As versões da *Lenda Siríaca de Alexandre*, das *Homilias* e do *Apocalipse* contribuíram para a construção de uma visão de mundo milenarista, com sua religiosidade arraigada em todas as camadas da sociedade. Salvo os detalhes, elas retomam versões de um mesmo mito, com o mesmo propósito de equiparar Heráclio a Alexandre.

Referências Bibliográficas

- ALEXANDER, Paul J. *The Byzantine Apocalyptic Tradition*. Berkley / Los Angeles / London: University of California Press, 1985. P.14.
- BÖE, Sverre. *Gog and Magog*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2001.
- BRANDES, Wolfram. “Heraclius between restoration and reform; some remarks on recent reseach” in: REININK, Gerrit J. e Stolte, Bernard H. (eds.). *The Reign of Heraclius; Crisis and Confrontations*. Peeters; Leuven / Paris / Dudley, MA, 2002.
- BUDGE, Ernest A.T.W. *The History of Alexander the Great Being the Syriac Version of the Pseudo-Callisthenes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1889.
- CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica; ensaio sobre o homem*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.
- CZEGLÉDY, Károly. “Monograph on Syriac and Muhammadan Sources in the Literary Remains on M.Kmoskó” in: *Acta Orientalia Academiae Scientiarum Hungaricae*, Fasc. 1/3, Pp.19-91 (vol. 4). Budapeste: 1954.
- DONZEL, Emeri van e SCHMIDT, Andrea. *Gog and Magog in Early Eastern Christian and Islamic Sources*. Leiden: Brill, 2009.
- DOUFIKAR-AERTS, Faustina. “Dogfaces, Snake-tongues, and the Wall against Gog and Magog” in: SEYED-GOHRAB, Ali-Asghar, DOUFIKAR-AERTS, Faustina e MCGLINN, Sen (eds.). *Embodiments of Evil: Gog and Magog*. Leiden: Leiden University Press, 2011.
- DRIJVERS, Willem. *Helena Augusta. The Mother of Constantine the Great and the Legend of Her Finding of the True Cross*. Leiden / New York / Kobenhavn / Koln: Brill, 1992.
- FINE JR, John V. A. *The Early Medieval Balkans*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2000.
- FRYE, Richard N. “The political history of Iran under sasanians” in: YARSHATER, Ehsan (ed.). *The Cambridge History of Iran v.3*. New York: Cambridge University Press, 2000.
- GARSOIAN, Nina. “Byzantium and The Sasanians” in: Ehsan Yarshater (ed.). *The Cambridge History of Iran v.3*. New York: Cambridge University Press, 2000.
- GERO, Stephen. “The Legend of Alexander the Great in the Christian Orient” in: *Bulletin of the John Rylands University Library* 75. Manchester, 1993.

- HALDON, John. "The reign of Heraclius: a context for change" in: REININK, Gerrit J. e Stolte, Bernard H. (eds.). *The Reign of Heraclius; Crisis and Confrontations*. Peeters; Leuven / Paris / Dudley, MA, 2002.
- JAVIER MARTINEZ, Francisco. *Eastern Christian Apocalyptic in the Early Muslim Period; Pseudo-Methodius and Pseudo-Athanasius*. Washington: PhD Thesis, 1985.
- LOUTH, Andrew. "Justinian and his legacy (500-600)" in: SHEPARD, Johnatan (ed.). *The Cambridge History of The Byzantine Empire c.500-1492*. New York: Cambridge University Press, 2008.
- _____. "Bizantium transforming (600-700)" in: SHEPARD, Johnatan (ed.). *The Cambridge History of The Byzantine Empire c.500-1492*. New York: Cambridge University Press, 2008.
- MARTIN, Thomas R. *Ancient Greece; From Prehistoric to Hellenistic Times*. New Haven / London: Yale University Press, 1996.
- MONFERRER-SALA, Juan P. "Alexander the Great in the Syriac Literary Tradition" in: ZUWIYYA, Zachary David (ed.). *A Companion to Alexander Literature in the Middle Ages*. Boston: Brill, 2011.
- REININK, Gerrit J. "Heraclius, The new Alexander. Apocalyptic Prophecies during the Reign of Heraclius" in: REININK, Gerrit J. e Stolte, Bernard H. (eds.). *The Reign of Heraclius; Crisis and Confrontations*. Peeters; Leuven / Paris / Dudley, MA, 2002.
- STOYANOV, Yuri. "Archaeology versus written sources: the case of the persian conquest of Jerusalem in 614" in: *Acta Musei Varnaensis*. Varna, v. 8, n. 1, pp.351-358, 2007.
- TOOMAN, William A. *Gog of Magog; Reuse of Scripture and Compositional Technique in Ezekiel 38 – 39*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2011.
- TREADGOLD, Warren. *A History of the Byzantine State and Society*. Stanford: Stanford University Press, 1997.

Declaração de Autenticidade

Eu, Márlon Jórdan Santos dos Reis, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Narrativas Apocalípticas Bizantinas e Heráclio, ‘o Novo Alexandre’” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 09 de dezembro de 2016.

Márlon Jórdan Santos dos Reis